

KELLER, W. Phillip. **Frutos do Espírito Santo**. Betânia, 1981. 151p. Resumido por J LHack em outubro de 2002. [Análise da parábola do semeador e dos frutos do Espírito, com forte aplicação pessoal].

1ª parte: Quatro tipos de terreno

1. Os da beira do caminho (imprestáveis)

Deus nos compara a um jardim (Ct 4.12-16). Ele busca em nós os perfumados frutos que resultam do seu trabalho no cultivo de nosso caráter. Muitas vezes há falta de produção porque o terreno é improdutivo. Um tipo de terreno assim é o da beira do caminho, cujo solo foi endurecido pela passagem de pessoas. O que endurece nosso solo? amigos e conhecidos (a cultura e o ambiente em que vivemos nos condiciona); literatura e tv (trabalho sutil e persistente do inimigo minando nossa fé); músicas (há as que não edificam, que retratam apenas o desespero do mundo e suas emoções; elas penetram na personalidade de quem as ouve e inflamam paixões); busca do prazer (pode se tornar uma obsessão e nos afastar do Pai); ambições pessoais (Jr 45.5; Mt 6.33); pensamentos particulares (somos aquilo que pensamos quando estamos a sós). As pisadas do Mestre fazem as plantas florescerem; o melhor fertilizante que um jardineiro pode utilizar em suas terras são as marcas de seus passos.

2. Os do terreno pedregoso (sem raízes profundas)

Deus compara seu povo a um terreno assim (Ez 36.26-36). O agricultor deseja frutos de seu povo; nosso caráter e nossa conduta diária são os critérios para nossa avaliação como crentes. Quais são os tipos de solo rochoso?

A) O que tem fina camada de terra cobrindo leito de rochas: a semente brota rapidamente, mas suas raízes não se desenvolvem e a planta murcha. A incredulidade é a pedra escondida debaixo do solo superficial de muitos corações. Ela se manifesta em três dimensões: fé na igreja (pessoas, liturgia, vida social) em vez de fé na pessoa de Jesus; recusa em crer na Palavra como mandamento para suas vidas; terrível preocupação com o eu (recusa em confiar na negação que Cristo exige de nós como o melhor para nossa vida).

B) O que está cheio de pedras de variados tamanhos e que exige alto custo para prepará-lo pro cultivo. Qualquer aspecto da nossa vida onde preferimos desobedecer a Deus e fazer nossa própria vontade é um solo pedregoso. Ali nada consegue se desenvolver. Deus deseja limpar este solo obstinado de nossa alma; quer cultivar um jardim vicejante de justiça onde há pedras de desobediência; só precisamos lhe abrir o coração.

C) O terreno cascalhado: terra intercalada de camadas de cascalho e areia. Também ali a planta nasce rapidamente, mas dura pouco. O cascalho em nós é nossa ingratidão (queixas e lamúrias), nossa mania de resmungar contra Deus pela maneira como ele dispõe as circunstâncias em nossa vida. A murmuração endurece nosso coração e provoca a ira de Deus (Hb 3.12-19). A areia em nós é o hábito de criticar e censurar todo mundo, enxergando apenas o lado ruim das coisas e das pessoas. Precisamos trocar tal atitude pelo louvor.

3. Os do terreno cheio de espinhos (perdidos entre as ervas daninhas)

O agricultor palestino tinha que lutar muito contra as ervas daninhas que se infiltram na plantação (Mt 7.16). Que tipo de planta cresce na minha vida, isto é, o que ocupa mais tempo e espaço na minha vida? Segundo Jesus, há três tipos de ervas daninhas (Mc 4.19).

A) Os cuidados deste mundo. Todos passamos por aflições (Jo 16.33; Sl 34.19). Precisamos crer no cuidado do Pai (Mt 6) e descansar nele; cuidar para não trazer pro hoje os males de ontem ou de amanhã (Mt 6:34; Sl 118:24); dar o melhor de nós para Deus; o resto ele fará. Mudemos a preocupação pela atitude de gratidão constante ao Pai.

B) O engano das riquezas. Elas pervertem nosso coração, fazendo-nos por nossa confiança no dinheiro e não no Doador. O rico se preocupa em perder sua riqueza e vive ansioso em aumentá-la. O filho de Deus sabe que a riqueza lhe foi confiada pelo Senhor para ser usada com sabedoria.

C) A atração do materialismo. Nossa cultura prega a abundância de bens e nos fascina com as muitas invenções. As coisas nos possuem e isto sufoca nossa vida espiritual (Lc 12.15). Fomos criados para ter comunhão com o Todo-Poderoso; qualquer objetivo inferior a esse é perder o sentido da vida.

4. Os do terreno bom (frutíferos)

Os terrenos improdutivos dão muito trabalho para serem transformados. Até o melhor tipo de terreno tem que ser revolvido para produzir. O olhar de Deus vai além de nossa dureza e vê o potencial de nossa alma inflexível. Ele trabalha duro para nos transformar em seu jardim (Hb 12.10-11), nos podendo e nos expondo à luz da sua presença. As pessoas produtivas para o Senhor são as que ouvem a Palavra (reconhecer que quem fala ali é Deus; decidir agir de acordo com ela; fazer imediatamente o que ela determina – isto é fé ativa), a aceitam (sem resistência; com disponibilidade) e cujas vidas produzem o fruto do Espírito em seu caráter por causa desta Palavra (Deus reproduz em nosso caráter os atributos de sua própria personalidade). Elemento essencial para que a boa terra em nós se torne produtiva nas mãos de Deus é a obediência e submissão.

2ª parte: As nove facetas do amor de Deus

5. Amor, a vida de Deus

O amor é a essência da vida de Cristo. A presença desta vida em nosso interior se manifesta de formas diferentes, mas sempre é demonstrada pela produção de fruto sobrenatural em nosso exterior. Esse fruto vem do alto, pois não se origina em nossa natureza corrompida. Temos o amor de Deus em nós à medida em que temos o próprio Deus em nós. Ele não concede o fruto do Espírito separadamente de si mesmo. As nove facetas do seu fruto (Gl 5.22-23) tem sua origem unicamente em Deus: são como gomos de um mesmo cacho de uvas ou grãos de uma mesma espiga. O amor é essencialmente autonegação, desprendimento, dedicação aos outros. O amor ágape se manifesta em nove facetas, tal como vemos em 1Co 13.1-7: amor (não busca seus interesses, não é egoísta), alegria (não se alegra com a injustiça, mas com a verdade), paz (não se exaspera, é sereno e estável), longanimidade (é paciente), benignidade (é misericordioso, considera, não inveja), bondade (é maravilhoso, gracioso, generoso), fidelidade (não é malicioso, tem fé em Deus e nos outros), mansidão (é humilde e meigo, não se exalta) e domínio próprio (é disciplinado, não é inconveniente). O amor é a própria vida de Deus, que é derramada aos que o obedecem.

6. Alegria

A felicidade depende das circunstâncias, mas a alegria é uma dimensão da vida divina que fica acima delas. Ela surge devido à presença de Deus na vida de alguém, pois Deus é alegre em tudo o que faz. A alegria vem de saber que Deus está operando em nós, de ver seus princípios e valores criando raízes em nossos corações. A alegria vem de haver encontrado a verdade, como faceta do amor. A felicidade se baseia em pessoas, riquezas, beleza ou sucesso profissional; é sempre sujeita a riscos, ilusória e passageira. Só Deus, fonte de vida, pode gerar a verdadeira e duradoura alegria. Alegria de conhecer a Deus, de ter os pecados perdoados. A alegria resulta de estar em harmonia com ele em minhas atividades.

7. Paz

Não é passividade ou estagnação. Para haver paz é necessária uma ação enérgica e definida do pacificador. Paz é o amor de Deus que permanece calmo, forte e firme apesar de insultos e antagonismos. Paz é o que resulta de estar tão embebido da presença de Deus que não me irrita com facilidade, não me exaspero, não fico com o orgulho ferido por qualquer coisa. Paz é uma atitude de

serenidade, calma e força, opera no sentido de sanar feridas e consolar. Essa paz só procede de Cristo e caracteriza todos aqueles que conhecem a Jesus (Gl 5.21). Não temos garantias de que não teremos inimigos (Jo 15.18; Pv 16.7), mas a paz de Deus nos dá vitória sobre as situações de conflito. Para obtermos esta paz, precisamos reconhecer nossa natureza egoísta e briguenta, pedindo que Deus nos transforme em pessoas humildes.

8. Paciência

Não se refere à passividade, mas à capacidade do amor altruísta de sobreviver por muito tempo num clima adverso. É ficar firme sem esmorecer diante de pessoas e circunstâncias intoleráveis e, além disto, seguir adiante. A paciência de que fala o NT dá ideia de um boi no arado, sulcando a terra mesmo quando há obstáculos difíceis. Cristo a ilustra bem em sua vida, suportando todas as adversidades, por nossa causa. Paciência é o amor de Deus em ação, uma forte, calma e incansável determinação de fazer o bem para mim. Nós, porém, somos impacientes com os outros, mesmo tendo sido alvos de sua paciência (Mt 18.21-33). Também logo desejamos nos livrar das adversidades e oramos com fervor para isto. A conduta paciente gera esperança nos outros, ao se verem amados com perseverança. Cultivar a paciência produz no caráter força e resistência (para suportar adversidades), além de vermos a grande fidelidade de Deus para conosco em cada situação. Este fruto não surge de graça. Aprendemos a praticar a paciência na fornalha da aflição, reconhecendo que nossas provações são a prensa divina que esmaga nossa vida, o profundo sulcar do arado do Agricultor.

9. Benignidade

É ser misericordioso, implica em ter um profundo interesse pelos outros, tratando-os com integridade e respeito. É envolver-se no sofrimento de alguém ao ponto de sofrer junto com ele. É sacrificar suas preferências para oferecer conforto ao outro; é pagar um preço para ajudá-los. É amar mesmo os inimigos (Mt 5.43-48), sem esperar retorno. Benignidade não é tolerância com o pecado dos outros, é interesse real que corrige o erro. A benignidade se manifestará em nossas vidas ao separarmos tempo para enriquecer a vida do nosso próximo, buscando sua felicidade, e ao nos recordarmos da imensa benignidade do Senhor para conosco diariamente.

10. Bondade

Deus é bom, mas o mundo rejeita a sua bondade. Ela não é uma indulgência sentimental, mas o poder de seu amor derrotando o mal. Expressa-se em sua graça e generosidade, ao doar-se inteiramente aos outros. Opõe-se à justiça própria que faz boas obras para obter reconhecimento dos homens. Para sermos bons, devemos contemplar a cruz (observando a bondade do Pai), pedir que o Agricultor venha lavrar a nossa alma, manter limpo nosso terreno (confessando todo pecado), e ser grato (pois toda dádiva vem do Pai).

11. Fidelidade

É uma deliberada e positiva reação minha para com o bem que há nos outros; é acreditar em Deus e nas pessoas de tal forma que estou pronto a entregar minha vida a eles. Deus age em nós não pelo que somos, mas com base naquilo que podemos nos tornar (sermos conformados ao seu caráter). Ele é fiel e gera em nós uma fé genuína em resposta à sua fidelidade. Isto o satisfaz (Hb 11.6) e nos leva também a acreditar mais nas pessoas, olhando-as como Deus as vê. Passamos a ver sempre o lado positivo das coisas, sem enxergar segundas intenções nos atos. Esta fé ergue as pessoas ao nosso redor.

12. Humildade

O mundo nos ensina a lutarmos com afinco pelo nosso espaço e pelos nossos direitos, mas Jesus ensina o contrário (Mt 18.4; 1Co 13.4-5). A humildade nos capacita a nos vermos e aos outros como realmente somos, nos dá equilíbrio entre nossa insignificância e nosso grande valor para Cris-

to, remove de nosso coração a arrogância e a constante preocupação com nós mesmos. Mansidão não é fraqueza, mas uma enorme força e serenidade interior. Somente um espírito firme pode condescender em ser manso, tal como Jesus (Fp 2.1-11). Ele nos chama a desistirmos de nossos direitos e de nosso eu. A humildade produz três benefícios: a) é a base para a fé genuína (pois só o humilde reconhece que precisa de Deus e dos outros); b) Deus se dá liberalmente aos contritos (Sl 34.18; Tg 4.4-10); c) impacta o nosso próximo (é alvo da afeição de todos). A humildade é prática: revela-se, por exemplo, na pontualidade (o tempo dos outros é mais importante que o meu), na presteza em responder cartas, em reconhecer favores e em se desculpar.

13. Domínio próprio

Não se conduz inconvenientemente. Em geral somos incoerentes (Tg 3) e extremados. Precisamos nos submeter integralmente ao controle de Deus. Jesus é exemplo disto, pois veio para fazer a vontade do Pai e não a sua. Devido a este “controle interior”, isto o levava a sempre estar no controle das circunstâncias externas. Não podemos viver sob a tirania do nosso temperamento, mas pelo poder de Cristo submetemos mente, vontade e emoções ao seu controle. Assim poderemos cumprir a vontade de Deus em nossas vidas.